



A GRATIDÃO A DEUS EM EPICTETO

Aldo Lopes Dinucci¹

RESUMO: No presente artigo, argumentarei que, para Epicteto, (1) o ser humano que põe seu bem em coisas fora de seu encargo (*aprohairéticas*) acusará a Deus quando essas coisas lhe forem retiradas; não será, portanto, grato a Deus; (2) será grato a Deus o ser humano que põe seu bem em coisas sob seu encargo, coisas que não podem de forma alguma ser suprimidas e sobre as quais temos plena responsabilidade; (3) será grato a Deus o ser humano que reconhece que Deus concedeu a todos os humanos a capacidade de escolha desimpedida; (4) Será grato o ser humano capaz de reconhecer a providência divina nas coisas que lhe foram dadas para o suprimento de sua própria vida.

PALAVRAS-CHAVE: Epicteto. Estoicismo. Helenismo.

ABSTRACT: In the present article, I will argue that, for Epictetus, (1) the human being who puts his good in things beyond his burden (*aprohairetic* things) will accuse God when these things are removed from him; therefore, you will not be grateful to God; (2) the human being will be grateful to God who puts his good in things at his charge, things that cannot be suppressed in any way and for which we have full responsibility; (3) the human being will be grateful to God who recognizes that God has granted all humans the ability to choose unimpeded; (4) A human being will be able to recognize divine providence in the things that have been given to him for the supply of his own life.

KEYWORDS: Epictetus. Stoicism. Hellenism.

¹ Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (2002)
Coordenador do GT Epicteto (ANPOF).

O presente artigo é um desenvolvimento de minha parte de texto que publiquei como capítulo de livro com o Dr. Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues². Decidi publicá-lo separadamente porque creio que consegui apresentar nas páginas seguintes, de forma esquemática, a ligação entre a compreensão do teorema ontológico (a distinção entre as coisas que estão e não estão sob nosso encargo) e a gratidão à Providência decorrente da compreensão do caráter benéfico do Cosmos tomado como um todo em relação aos humanos por lhes conferir a possibilidade de viverem e atingirem sua plenitude. Para Epicteto, como concluo, a Divindade Cósmica da qual decorre tal Providência não é perfeita, como eu disse alhures³, mas torna viável aos humanos a vida feliz, sendo, portanto, condição de possibilidade para a felicidade humana.

O verbo *eucharistéo* em Epicteto

Vejam as principais ocorrências do verbo *eucharistéo* (“dar graças”) em Epicteto⁴, analisando as principais que se relacionam ao ato de dar graças a Deus no pensamento epictetiano.

A argumentação epictetiana envolvendo a noção de “dar graças” parte de quatro premissas fundamentais. Passemos à primeira:

(1) O ser humano que põe seu bem em coisas fora de seu encargo (*aprophairéticas*) acusará a Deus quando essas coisas lhe forem retiradas; não será, portanto, grato a Deus.

Essa tese já se encontra expressa no capítulo 31 do *Enqueiridion*. Há dois argumentos suportando essa tese. O primeiro é que se o ser humano põe seu bem em coisas que não estão sob seu encargo (*ouk eph'hemín*) e são externas, se colocará contra quem quer que for concebido como obstruindo o acesso a essas coisas, pelo que o ato de

²DINUCCI, A.; RODRIGUES, A. C. O. A Eucharistia em Epicteto. In: Clóvis Ecco. (Org.). *Epistemologias da religião e relações da religiosidade*. 1ed. Curitiba: Prismas, 2017, v. , p. 17-54.

³https://www.academia.edu/43672389/Pensando_a_Im_perfei%C3%A7%C3%A3o_de_Deus_ou_o_Cosmos_no_Estoicismo_de_Epicteto . Agradeço ao Dr. Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues por me ter chamado a atenção para essa questão através de seu livro *Prohairesis e prónoia no estoicismo de Epicteto* (2018).

⁴ Tal verbo ocorre 18 vezes em 16 passagens da obra epictetiana.

dar valor por si a coisas externas é uma das razões da impiedade (*Ench.* 31.2)⁵. O segundo é que faz parte da própria natureza humana buscar o que é visto como um bem e evitar o que é visto como um mal (*Ench.* 31.3). Assim, quando se dá valor a algo externo, busca-se esse algo e se vê como inimigo quem obstrui o acesso a esse algo. No caso de Deus, o ser humano que põe valor nas coisas externas o acusará quando essas coisas forem retiradas e vir Deus como o causador dessa retirada. O resultado será a revolta contra Deus, o que tornará o revoltoso tanto ímpio quanto incapaz de ser grato à divindade. Assim, diz Epicteto: “Mas quem alguma vez ofereceu um sacrifício para desejar belamente? Para desejar segundo a natureza? Pois damos graças aos Deuses pelas coisas nas quais colocamos nosso bem” (*Epict. Diss.* 1.19.25.3).⁶

Portanto, por contraposição, o ato de dar graças supõe, em Epicteto, a correta aplicação do teorema relativo às coisas que estão sob nosso encargo ou não, que é apresentado em *Ench.* 1 e *Diss.* 1. Por esse teorema, só têm valor por si as coisas que estão sob nosso encargo, que são, como veremos abaixo, a capacidade de escolha (*prohairesis*) e as operações diretamente relacionadas a ela. Isso nos leva à segunda premissa do argumento epictetiano sobre o ato ser grato a Deus, que decorre da primeira:

(2) Será grato a Deus o ser humano que põe seu bem em coisas sob seu encargo, coisas que não podem de forma alguma ser suprimidas e sobre as quais temos plena responsabilidade.

Pois aquele que põe seu bem nas coisas sob seu encargo reconhece que apenas elas têm para si valor por si mesmas e que, portanto, seu próprio valor como ser humano depende unicamente de si, i.e. do cultivo de sua capacidade de escolha e, conseqüentemente, de suas próprias escolhas, pelo que será grato a Deus. Portanto, quem educa seus juízos, seus desejos, suas inclinações e aversões (as operações diretamente associadas à *prohairesis*) será grato a Deus “pelo que é preciso ser grato” (*Epict. Diss.* 4.4.18)⁷. Diz-nos Epicteto:

⁵ Correlativamente, mesmo mantendo essas coisas externas às quais equivocadamente dá valor, o ser humano não é verdadeiramente pio, pois será grato a Deus por coisas que são de fato sem valor (cf. *Epict. Diss.* 1.10.4.1).

⁶ ἐκεῖ γὰρ καὶ θεοῖς εὐχαριστοῦμεν, ὅπου τὸ ἀγαθὸν τιθέμεθα. Cf. *Ench.* 31.4 (“Pois aí onde está o interesse, aí também está a piedade”); Mateus, 6.21 (“Pois onde está teu tesouro, aí também está teu coração”). Nosso negrito.

⁷ <...> καὶ οὕτως ἂν ἠὲ εὐχαριστοῦμεν τῷ θεῷ ἐφ' οἷς δεῖ εὐχαριστεῖν

São postas diante de ti coisas adequadas à força que possuis. Tu, contudo, neste momento, antes a pões de lado, quando é preciso tê-la desperta e atenta. Não darás, ao invés disso, graças aos Deuses por te porem acima das quantas coisas que não fizeram sob teu encargo, mas te proclamarem somente responsável pelas sob teu encargo? Não te puseram como responsável pelos teus pais nem pelos teus irmãos, nem pelo teu corpo, tuas posses, tua morte, tua vida. Então pelo que te fizeram responsável? Somente pelo que é teu encargo: o uso das representações como é preciso⁸. Então por que arrastas⁹ para ti mesmo essas coisas pelas quais não és responsável? Isso é causar¹⁰ problemas para si mesmo! (Epict. *Diss.* 1.12.31-35)

O uso das representações (*phantasiai*) engloba as atividades da capacidade de escolha. A noção de representação (*phantasia*) é de fundamental importância para a compreensão da filosofia estoica por se relacionar a questões lógicas, epistemológicas e éticas, estabelecendo a relação entre o *hegemonikon* (a parte diretriz da mente humana) e o mundo e possuindo simultaneamente um caráter corpóreo (na medida em que é uma alteração do *hegemonikon* causada por um objeto exterior), lógico (pois o mais importante tipo de *phantasia* dos seres racionais possui conteúdo proposicional) e epistemológico (pois através da *phantasia* os seres racionais podem efetivamente conhecer o mundo). Assim, ao perceber algo no mundo através dos sentidos, a parte pensante do ser humano (o *hegemonikon*) instantaneamente julga o que a coisa é e qual valor tem para si. À percepção liga-se um juízo, o qual, por sua vez, move o desejo e a repulsa, podendo modelar os impulsos. Por exemplo, se vemos um cão e o julgamos perigoso, buscaremos evitá-lo, e nossos impulsos serão moldados de acordo com nosso juízo, nos levando a fugir, caso o cão venha em nossa direção. Entretanto, se mudarmos nosso juízo quanto ao cão, não mais o vendo como um ser maligno, podemos alterar nosso desejo de modo que possamos abordá-lo através da modelagem de impulsos (por exemplo, interagindo com o cão da forma correta).

Por aí se vê o papel crucial da análise das próprias opiniões para Epicteto: são elas que orientam nossa capacidade de escolha: caso sejam equivocadas, nossa escolha, que tem que operar tomando as nossas opiniões (juízos, suposições etc.) como parâmetros, igualmente se equivocará.

O teorema sobre as coisas que estão sob nosso encargo ou não serve justamente

⁸ *Chreseos hoias dei phantasion.*

⁹ *Epispais*: presente indicativo ativo, 2ª do singular de *epispao*, que significa primariamente “arrastar atrás de si”.

¹⁰ *Parechein* é infinito presente ativo de *parecho*, que significa primariamente “fornecer”, “suprir” e, derivativamente, “causar”.

para corrigir em larga escala nossas opiniões, reestruturando deontologicamente o âmbito de nossa escolha e repartindo-o entre o das coisas internas e o das externas, retirando destas o valor por si e investindo aquelas desse valor.

Mas qual evidência Epicteto apresenta para nos mostrar que a capacidade de escolha está realmente sob nosso encargo e não é externamente determinada? Epicteto fala sobre isso nas *Diatribes*:

Homem, tens a capacidade de escolha por natureza desimpedida e não constrangida [...] Demonstrar-te-ei isso primeiro sobre o tópico do assentimento. Pode alguém te impedir de inclinar-te para a verdade? Ninguém pode. Pode alguém te constranger a aceitar o falso? Ninguém pode [...] Vês que, nesse mesmo tópico, possuis a capacidade de escolha ¹¹ desimpedida, não constrangida, desembaraçada? Vejamos: é diferente em relação à capacidade do desejo e à capacidade do impulso? Então o que pode vencer um impulso senão outro impulso? O que <pode vencer> o desejo e a repulsa senão outro desejo e outra repulsa?¹² (Epict. *Diss.* 1.20. 21-24)

Assim, a capacidade de escolha é por natureza desimpedida e não constrangida. Prova disso é que (i) não se pode impedir alguém de se inclinar para o que parece ser para ele verdadeiro e (ii) não se pode impedir alguém de se negar a aceitar o que lhe parece falso. Por exemplo, pode-se obrigar alguém a dizer que crê em algo, mas nenhuma tortura ou algo do gênero pode fazê-lo tomar como verdadeiro o que se lhe afigura como falso e vice-versa, pois esse processo é totalmente interno, dependendo somente das opiniões que a capacidade de escolha tem diante de si e do assentimento que tal capacidade confere a elas ou não.

Entretanto, a atribuição de valor às coisas internas e a retirada do valor por si das coisas externas é condição necessária, mas não suficiente para o ato de dar graças: será preciso também ter uma visão abrangente da realidade pela qual se reconheça a providência divina, tanto (3) em relação à capacidade de escolha desimpedida que lhe foi conferida quanto (4) em relação às coisas que concorrem para sua subsistência no Cosmos. Analisemos tais premissas:

(3) Será grato a Deus o ser humano que reconhece que Deus concedeu a todos os humanos a capacidade de escolha desimpedida.

¹¹ *To proairetikon*.

¹² Portanto, os três tópicos – escolha (*prohairesis*), desejo ou repulsa (*orexis* ou *ekkklisis*) e impulso (*horme*)— são cobertos, demonstrando-se que funcionam de modo desimpedido. Quanto ao conceito estoico de *prohairesis*, ver GOURINAT, 1996.

Epicteto funda a tese da autodeterminação da escolha na tese de paternidade divina. Para Epicteto, Zeus não predestinou os seres humanos à escravidão, mas concedeu a todos os seres humanos a capacidade de escolha desimpedida, pela qual podem se tornar livres. Quanto a isso, Epicteto nos diz: “Zeus me fez livre. Pensas que predestinou seu próprio filho a ser escravo?” (Epict. *Diss.* 1.19.9¹³)

Para o Pórtico, dois princípios fundamentais perfazem o cosmos: um ativo, chamado ora de *logos* (a razão universal), ora de fogo inteligente, e identificado com a divindade que estrutura o mundo (cf. D.L. 7.134); outro passivo, a matéria inerte. Dos quatro elementos, dois são ativos (fogo e ar) e dois são passivos (água e terra). Os dois ativos se combinam para produzir *pneuma*, que, ao perpassar todos os corpos, sustém cada um deles através de um movimento simultâneo para dentro (que mantém cada corpo unificado) e para fora (que confere a cada corpo suas qualidades). Esse duplo movimento constitui o tónus de cada coisa. Há quatro níveis de tonicidade: *hexis*, dos corpos inanimados; *physis*, das plantas; *psyche*, dos animais; *hegemonikon*, a capacidade racional e diretriz dos seres humanos (cf. D.L. 7.138-9). As demais funções psíquicas humanas (os cinco sentidos, a função procriativa, a função da fala e a razão) são extensões do *hegemonikon* (cf. D.L. 7.157). Podemos entender por esse viés a afirmação da paternidade divina dos humanos em Epicteto como uma metáfora pela qual se indica que os seres humanos possuem em si o mesmo princípio ativo e inteligente que estrutura o mundo. Como este não é determinado, mas determinante, assim também o é sua instância em cada ser humano¹⁴.

Mas, como dissemos, o mero reconhecimento do caráter desobstruído dessa capacidade não é suficiente para o ser humano ser grato a Deus. É preciso que ele reconheça o caráter providencial de Deus que se evidencia em cada uma das coisas úteis do mundo. Essa será a próxima premissa do argumento de Epicteto quanto ao ato ser grato a Deus.

(4) Será grato o ser humano capaz de reconhecer a providência divina nas

¹³ ἰπόθεν σύ; ἐμέ ὁ Ζεὺς ἐλεύθερον ἀφῆκεν. ἢ δοκεῖς ὅτι ἐμελλεν τὸν ἴδιον υἱὸν εἶν καταδουλοῦσθαι;

¹⁴ Em *Diss.* 4.5.35, Epicteto fala sobre Sócrates, que tolerou pacientemente sua mulher irascível e seu filho distante, o que, para nosso estoico, só se tornou possível pelo correto exercício da capacidade de escolha, que independe do que querem tiranos ou multidões, pois esse correto uso é dado desimpedido a todos (τοῦτο γὰρ ἀκάλυτον δέδοται ὑπὸ τοῦ θεοῦ ἐκάστω). Para Epicteto, quem compreende tal coisa e acalenta tais opiniões “cria a amizade em casa, a concórdia na cidade, a paz entre as nações, é grato a Deus”.

coisas que lhe foram dadas para o suprimento de sua própria vida.

Para Epicteto, embora as coisas externas, consideradas individualmente, não tenham valor por si, quando tomadas em conjunto revelam a providência e a bondade de Deus. Entretanto, para que o ser humano seja grato a Deus pelas coisas que lhe foram dadas por Deus para o suprimento de sua própria vida, é preciso que desenvolva a capacidade de ver conjuntamente as coisas que ocorrem no Cosmos. Assim, diz-nos Epicteto:

Se alguém possui em si mesmo estas duas capacidades, é fácil elogiar a providência¹⁵ por cada uma das coisas que acontecem no Cosmos: ver em conjunto¹⁶ o que acontece a cada um e ser grato¹⁷. Caso contrário, não verá a utilidade do que acontece e não dará graças por elas nem se as vir. (Epict. *Diss.* 1.6.2.1-2)

Assim, como dissemos, para nosso estoico, embora as coisas externas, consideradas individualmente, não tenham valor por si mesmas, revelam a providência e a bondade de Deus. Entretanto, para que o ser humano se dê conta disso, é preciso tanto ter uma visão abrangente da realidade quanto ser capaz de ser grato. Essa última capacidade é desenvolvida pela correta aplicação do primeiro teorema quanto às coisas que estão e que não estão sob nosso encargo. A primeira capacidade requer algo mais. Após retirar o valor por si das coisas externas, é preciso também reconhecer nelas um caráter instrumental, pois são matéria para o exercício da escolha. Isso requer uma visão da realidade que conecte uma coisa às outras, como a grama ao carneiro, o carneiro à lã e o leite, e estes a nós, por exemplo. Essa visão não supõe que se conheça cada coisa da realidade: para Epicteto, basta uma contemplar uma só dessas coisas para perceber isso e ser corretamente grato a Deus¹⁸. Epicteto fala-nos sobre isso na diatribe 1.16, intitulada “Sobre a Providência”:

(7) E certamente, por Zeus e pelos Deuses, uma só das coisas produzidas pela Natureza leva o homem digno e grato a perceber a Providência¹⁹. (8) E não me fale agora sobre as grandes coisas. Mesmo o surgimento do leite a partir do pasto; e, a partir do leite, o queijo; e, a partir da pele, a lã <...> (9) Vamos! Deixemos as obras da

¹⁵ *Pronoia*: a providência divina.

¹⁶ O termo aqui é *synorathike*.

¹⁷ *Eucharistos*.

¹⁸ Cf. Epict. *Diss.* 1.16.7. E certamente, por Zeus e pelos Deuses, uma só das coisas produzidas pela Natureza leva o homem digno e grato a perceber a Providência (*Pronoia*).

¹⁹ *Pronoia*.

Natureza, contemplemos as suas obras incidentais²⁰. (10) Há algo mais inútil que os pelos do queixo? E então? Ela não fez uso deles e do modo mais adequado possível? Não se distinguem por eles o macho e a fêmea? (11) Não exclama à distância a natureza de cada um de nós: “Homem sou – assim aproxima-te de mim, assim fala comigo, nada mais busques: vê os símbolos”? (12) De novo, em relação às mulheres, do mesmo modo que misturou à voz algo mais delicado, também retirou os pelos do queixo. Não <, tu me dizes,> é preciso deixar o animal sem distinções, e que cada um de nós anuncie: “Sou homem”. (13) Mas quão belo, formoso e digno de reverência o símbolo <é>! Quão mais belo que a crista do galo! Quão mais formoso que a juba dos leões! <...> (15) São somente essas as obras da Providência sob nosso encargo²¹? E que discurso basta, para, de modo semelhante, elogiar ou apresentar essas obras? Pois se possuímos intelecto²², o que precisamos fazer, tanto em público quanto a sós, senão celebrar em cantos, louvar a Deus e fazer jus às suas graças?²³ (16) Não é preciso, ao arar, ao semear e ao comer, cantar um hino a Deus? “Grande é Deus, que nos concedeu estes instrumentos com os quais lavramos a terra; (17) grande é Deus, que nos deu as mãos, que nos deu a capacidade de comer, que nos deu o ventre, que nos deu a capacidade de crescer sem que percebamos, que nos deu a capacidade de respirar enquanto dormimos!” (18) É preciso cantar um hino sobre cada uma dessas coisas, e o melhor e mais divino hino porque Deus nos deu a capacidade de compreendê-las e, por meio dela, <a capacidade> de utilizá-las. (19) E então? Já que muitos de vós sois cegos, não é preciso haver alguém que cumpra esse papel e cante por todos o hino a Deus? (20) Pois de que é capaz um velho coxo senão cantar um hino a Deus? Se eu fosse um rouxinol, eu cantaria os cantos do rouxinol. Seu fosse um cisne, cantaria os cantos do cisne. Ora, sou um <animal> racional. É-me preciso cantar um hino a Deus. Essa é a minha obra. Eu a cumprirei. Não abandonarei este posto que me foi dado. E vos convido a essa mesma ode! (Epict. *Diss.* 1.16.15-20)

Correlativamente, em *Diss.* 2.20.32., Epicteto chama ironicamente de “homens gratos e com senso de pudor” os que não creem nos deuses, que “comem pão todo dia e não sabem se há Demeter, que usufruem tudo o que o Cosmos lhes oferece sem qualquer senso de gratidão e ainda por cima propagam entre os jovens as doutrinas que prescrevem tal ingratidão” (nosso estoico tem em mente nessa diatribe especificamente os epicuristas e acadêmicos).

Em *Diss.* 2.23.5., Epicteto refere-se ao ato de ser grato tanto em relação à capacidade de escolha por natureza desimpedida quanto às demais coisas do Cosmos que concorrem para a nossa existência:

²⁰ *Parerga*: “ações subordinadas, acessórias”.

²¹ *Eph'hemon*. Dobbin traduz a expressão por “in our case”; Georg Long, por “in us”. Talvez Epicteto chame essas ações da natureza como “dependentes de nós” porque podemos alterá-las em alguma medida, embora não sejam *eph'hemin* em sentido estrito.

²² *Nous*.

²³ Cf. MAA, 5.33.

Homem, não sejas ingrato nem esquecido das melhores coisas, mas sê grato por tua visão, por tua audição e, por Zeus, sobre tua própria vida e sobre as coisas que cooperam com ela, pelos frutos secos, pelo vinho, pelo azeite. Lembra que ele te deu outra coisa melhor que todas essas, que avalia a utilidade delas, que as testa, que calcula o valor de cada uma delas. (Epict. *Diss.* 2.23.5)²⁴

Epicteto prescreve a gratidão até mesmo em relação ao fato de haver a filosofia que ensina ao ser humano o que é a verdadeira felicidade:

Oferecemos sacrifícios porque <os Deuses> nos deram as vinhas ou o trigo, mas não damos graças a Deus porque produziu fruto de tal qualidade no pensamento humano, pelo qual predestinou mostrar-vos a verdade sobre a felicidade? (Epict. *Diss.* 1.4.32.5)²⁵.

É também preciso que o ser humano dê graças por seu caráter mortal. Mais uma vez, a visão abrangente é requerida, pois, para nosso estoico, é necessário que os mais velhos morram para dar lugar aos mais jovens:

Não queres, então, pelo tempo que é dado, contemplar a solene procissão e o festival e, então, quando saíres, ir-te sendo obediente e sendo grato pelo que ouviste e viste? <...> Talvez também em Olímpia outros atletas lutem, mas a solene procissão tem seu fim: sai, partindo da vida como um <homem grato>, como um homem que tem senso de pudor, dá espaço a outro. É preciso também que os outros nasçam, do mesmo modo que tu nasceste, e os que nascem precisam de terra e de casas. (Epict. *Diss.* 4.1.105- 106)

Para Epicteto, só é possível ser grato a Deus o ser humano que, em primeiro lugar, põe seu e bem seu mal nas coisas que estão sob seu encargo, quais sejam, a capacidade de escolha e as operações a ela associadas, o juízo, o desejo e o impulso. Além disso, embora retirando o valor que as coisas externas tenham por si mesmas, deve ser capaz de perceber a ação da Providência Divina no Cosmos e reconhecer Deus como seu benfeitor, em primeiro lugar, em razão de perceber-se como não predestinado à escravidão e de se dedicar a desenvolver sua capacidade de escolha; em segundo lugar, por tudo que lhe é dado como material para concretizar sua liberdade, as coisas que, mesmo não sendo seu encargo, são ocasião para desenvolver-se como ser moral.

²⁴ Epicteto refere-se aí à capacidade de escolha. Mais adiante, Epicteto observa que quem não dá valor a essa capacidade é ignorante, ímpio e ingrato em relação a Deus (Cf. Epict. *Diss.* 2.23.23.4).

²⁵ Epicteto refere-se aí à filosofia que Crisipo nos legou.

Conclusões:

A gratidão a Deus em Epicteto decorre do reconhecimento da Providência em relação ao conjunto de coisas que tornam nossa vida possível. O teorema ontológico é o primeiro passo para essa gratidão, pois, através dele, o humano distingue o que é propriamente seu (sua capacidade de escolha) e o que é externo. A seguir, é preciso reconhecer no conjunto das coisas cósmicas (e não em algumas delas separadamente) a Providência. Esse ato, para Epicteto, revela a verdadeira piedade. A própria filosofia, da qual nossa felicidade decorre se a praticarmos, nos é dada por Deus. Em suma, toda a equipagem que nos é suprida pela Providência (nossa capacidade de escolha desimpedida, as coisas materiais do Cosmos que nos fornecem abrigo e sustento para o corpo, nosso próprio corpo e a própria filosofia) é condição de possibilidade para a felicidade, felicidade que alcançaremos na medida em que reconhecermos a Providência divina e distinguirmos quais coisas estão sob nosso encargo e quais não estão, fazendo bom uso destas últimas.

REFERÊNCIAS:

DINUCCI, A. *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Aldo Dinucci (trad.). São Cristóvão: Viva Vox, 2015. Obra no prelo.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Mário da Gama Kury (trad.). Brasília: Editora UnB, 1987.

EPICTETO. *O Encheiridion de Epicteto*. Aldo Dinucci (trad.). São Cristóvão: Viva Vox, 2012.

GARCÍA, Ortiz Paloma. *Epicteto: disertaciones por Arriano*. Paloma Ortiz García (trad.). Madrid: Editorial Gredos, 1993.

GOURINAT, J-B. La “Prohairesis” chez Épictète: Décision, volonté, ou personne morale? IN: *Philosophie Antique: problèmes, renaissances, usages*, Paris, v.5, p.93-134, 2005. *Les stoïciens et l’âme*. Paris: Presses universitaires de France, 1996.

HADOT, P. *Manuel d’Épictète*. Introduction, traduction et notes par Pierre Hadot. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

HADOT, P. *Introduction aux “Pensées” de Marc Aurèle: la Citadelle Intérieure*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1992 et 1997.

HEIDEGGER, Martin. *El Ser y el Tiempo*. Trad. José Gaos. Espanha: Fondo de cultura econômica, 1984.

JAGU, Amand. *Épictète et Platon (Essai sur les relations du Stoïcisme et du Platonisme à propos de la Morale des Entretiens)*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1946.

OGEREAU, F. *Essai sur Le système philosophique des stoïciens*. La Versanne: encre marine, 2002.

POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Trad. Ottone di Gregorio, Note e apparati di Beniamino Proto, presentazione di G. Reale. Bompiani, Il pensiero occidentale, Milano, 2005.

RODRIGUES, A. C. *A áskesis de desapropriação epictetiana à luz da kátharsis do Fédon de Platão*. 2015. 117 p. Tese (doutorado em filosofia) Puc.sp.

RODRIGUES, A. C. *Proháresis e Prónoia no Estoicismo de Epicteto*. 2007.187p. Dissertação (mestrado em filosofia) Puc/SP.